

# **Mutações na Arte da Guerra e o uso da força nas Relações Internacionais**

João Vicente

## **RESUMO**

Numa perspectiva histórica, este nosso tempo é matizado por uma preferência política e um processo tecnológico de adaptação das democracias ocidentais a uma transformação militar, assimétrica, mas contínua, induzida por um novo ambiente estratégico, resultante de uma Globalização Informacional.

A incerteza na evolução do Sistema Internacional acompanhada por uma renovada relação do Estado-Nação perante o poder militar, em termos de criação e de emprego dessa componente de poder nacional, continuam a induzir mutações na Arte da Guerra.

As implicações deste panorama internacional, que se interpenetram e interagem, alteram de forma drástica a capacidade de Segurança e Defesa dos Estados.

**Palavras-chave:** Relações Internacionais, Revolução nos Assuntos Militares, Era da Informação, Guerra.

## **Abstract**

In a historical perspective, our time is tinged by a political preference and a technological adaptation process of the western democracies to a military, asymmetrical, but continuous transformation, induced by a new strategic environment as a resultant of an Informational Globalization.

The uncertainty in the evolution of the International System accompanied by a renewed relation of the Nation-State with military power, in terms of creation and employment of this component of national power, keeps inducing changes in the Art of War.

The repercussion of this international framework, which interpenetrates and interacts, radically affects the State's Security and Defense capabilities.

**Key Words:** International Relations, Revolution in Military Affairs, Information Age, War.

## 1. Introdução

*“Changes will occur because of a disarmingly simple idea: the flow of digital information.”*

Bill Gates<sup>1</sup>

Considerando a noção básica de poder<sup>2</sup> como a capacidade para influenciar o comportamento de outros no sentido de alcançar os resultados que desejamos, constatamos que essa influência continua a ser exercida pela coacção ou destruição (poder duro), ou através das qualidades intangíveis de sedução e atracção, como a cultura (poder suave).

No entanto, a distribuição de poder está cada vez mais dependente da Informação. Segundo Stephen Cimbala<sup>3</sup>, a informação dificulta a repressão e facilita a resistência. É nesta paradoxal abundância que Joseph Nye argumenta a obtenção de poder através da separação dos dados importantes do “ruído” de fundo<sup>4</sup>. As organizações mais aptas serão aquelas que reconheçam a importância da informação como potenciadora de novas oportunidades.

Por outro lado, o controlo da informação através de um processo hierárquico e de comando centralizado, característico da Era Industrial, foi ultrapassado por um novo paradigma informacional proporcionando uma fluidez de informação através de todos os escalões, contribuindo para uma capacidade de tomada de decisão aos níveis mais baixos. Isto significa que o poder de uma organização, ou em última análise de um Estado, pode ser aumentado sem o dispêndio de recursos significativos, através da mudança da forma como comandamos, controlamos, organizamos, treinamos e actuamos.

Como referem Colin Gray e John Sheldom, os exércitos tendem a funcionar melhor quando dispõem de informação precisa, especialmente se puder ser convertida em conhecimento, para ser usado com julgamento e sabedoria no processo de decisão<sup>5</sup>. É este poder que possibilita uma vantagem assimétrica no combate moderno. A vantagem de saber quase tudo sobre o adversário, e impedir que ele saiba algo sobre nós.

Neste âmbito, concordamos com os Toffler quando afirmam que o conhecimento emerge actualmente como o recurso central, tanto da produtividade como da destrutibilidade<sup>6</sup>.

Estas radicais diferenças produzem alterações mais profundas do que nunca no pensamento, organização e tecnologia militar. As mudanças de paradigma dos séculos passados produziram alterações qualitativas e quantitativas na Arte da Guerra, mas a actual Revolução nos Assuntos Militares (RAM) caracteriza uma Era de transformação fundamental: uma revolução no conhecimento.

E com ela emergem severas implicações para o uso da força nas Relações Internacionais.

## 2. Um aparente vazio conceptual

As Relações Internacionais oferecem aos seus observadores uma visão multifacetada, como se fossem vistas através de um caleidoscópio, que após cada rotação fornece uma diferente, mas interessante perspectiva. Desde as grandes tradições teóricas numa óptica de exercício de poder, de regulação racional do poder ou da raiz económica do poder, até aos modelos geopolíticos, estruturalistas, transnacionalistas ou globalistas, tudo depende do referencial com que o observador regista os acontecimentos.

É possível condensar e comparar as três grandes tradições interpretativas da realidade internacional a partir da óptica perante o poder, de acordo com a atitude perante o mundo e actores dominantes.

A tradição realista destaca o exercício do poder através do uso da força, demonstrando uma atitude pessimista acerca da condição humana. A centralidade do Estado nunca é posta em causa. O paradigma liberal procura uma regulação racional do poder através do direito e da razão, e encara com confiança e optimismo a capacidade de convivência humana. Para além dos Estados considera como actores dominantes os organismos internacionais, não governamentais entre outros. A visão marxista destaca a raiz económica do poder, distinguindo as lutas de classes e a hostilidade provocada por problemas entre países capitalistas. Os temas chave em confronto são pois a independência, a interdependência e a dependência.

Constatamos que o nascimento incipiente da fase actual da globalização remonta ao 9/11 (com a pulverização das barreiras políticas e ideológicas resultantes da queda do muro de Berlim em 89). Esta convulsão fracturante no sistema internacional ocorreu sem que fosse acompanhada, como era habitual historicamente, por uma “guerra global”<sup>7</sup>.

Daí até ao 11/9 seguiu-se uma década de aparente vazio conceptual. Um editorial da *Foreign Affairs* de 97 traduziu de maneira exemplar o fim do século XX: "*the overall theme of the 1990s is that there is no overall theme to the 1990's*"<sup>8</sup>. Os anos 90 constituíram assim um período de “pausa estratégica”, aparentemente livre de ameaças eminentes, utilizado pelos EUA para iniciarem uma revolução tecnológica<sup>9</sup>.

Vários modelos tentaram preencher o vazio da estratégia de contenção definida por George Kennan<sup>10</sup>. Desde o “Choque das Civilizações”<sup>11</sup> preconizado por Samuel Huntington até ao “Fim da

História”<sup>12</sup> de Francis Fukuyama, existe um ponto consensual – eliminando o comunismo, não existe alternativa à democracia e economia de mercado – não existem novos “ismos” que confrontem com o modelo ocidental. Se existem conflitos, são provocados por aqueles que resistem à difusão do modelo ocidental. Neste tempo, a hiper-potência confronta-se com o hiper-terrorismo, um inimigo sem rosto, contra o qual não existe estratégia militar que por si só infligira a derrota.

Isto levanta um conjunto de perguntas fundamentais para o futuro do sistema internacional. Terá o Estado providência/social entrado em declínio? Será que ainda vivemos numa era dominada pelo velho Estado-Nação ou numa era pós-moderna, globalizada, em que o principal motor da mudança é o comércio internacional num mundo cada vez mais pequeno e nivelado?

### **3. Globalização Informacional: um modelo para o século XXI?**

Este panorama internacional matizado apresenta alguns aspectos definidores, que se interpenetram e interagem, alterando de forma drástica a capacidade de Segurança e Defesa dos Estados<sup>13</sup>.

Analisemos em maior detalhe alguns desses aspectos definidores da nova realidade estratégica.

Os novos actores ainda dependem da vontade dos Estados, no entanto geraram dinâmicas internacionais transversais aos próprios Estados, resultando numa permeabilidade das fronteiras; maior consciencialização dos direitos humanos e ingerência nos assuntos internos. Estão em jogo novos organismos multilaterais<sup>14</sup>. Pululam as questões que não podem ser resolvidas à escala dos Estados, tais como a Defesa e Segurança, os problemas ambientais<sup>15</sup> ou as regiões/comunidades locais que reclamam protagonismo internacional.

Os Estados-Nação perderam definitivamente o monopólio da criação e uso da violência, tornando-se pequenos demais para os problemas globais, e grandes demais para os problemas locais, escapando-lhes cada vez mais o controlo de mecanismos culturais e económicos. A margem de manobra dos Estados diminuiu desde há várias décadas, dando privilégio aos factores transnacionais sem controlo – migrações, turismo, comunicação – exponencialmente propagados pelas empresas multinacionais. Assiste-se a uma diminuição da consistência da soberania, do território, das fronteiras, sobressaindo as constantes hipóteses de intervenção em zonas periféricas, salvaguardadas por estratégias de defesa alargada. A política intervencionista com base em valores humanitários, de liberdade e democracia é moldada aos interesses unilaterais das potências directoras.

Os processos financeiros – dinâmicos e transversais aos Estados – põem em causa o princípio realista do Estado, constituindo-se centros de decisão oficiosos que ultrapassam os centros de decisão política. Somos levados a pensar que o Estado está “transbordado”<sup>16</sup>, verificando-se uma margem de desadequação entre a realidade do Estado e as populações onde ele foi projectado, artificialmente implantado<sup>17</sup>.

Os conflitos motivados por ideologias políticas cederam lugar a radicalismos culturais e religiosos, sendo que a maioria das regiões instáveis do nosso mundo está associada a Estados Falhados<sup>18</sup>. Quando outrora o perigo era o acumular de poder, verifica-se actualmente que o verdadeiro problema é o seu vazio<sup>19</sup>. Assiste-se a uma mudança de terrorismo internacional para terrorismo global, emergindo como o lado negro da globalização. Na realidade esta nova vaga de terrorismo estratégico<sup>20</sup> será muito mais difícil de erradicar. Os seus objectivos são cósmicos – islamizar toda a gente – sujeitos a mudanças por vantagens tácticas. A multiplicação de inimigos e de frentes de combate torna indistintos os alvos dos ataques, estendendo a sua ira a todos aqueles que não comunguem o seu ideal. Por outro lado não existe possibilidade de negociação com estes terroristas. Não existem tréguas, cessar-fogo nem rendições ou libertação de reféns. É o tudo ou nada. Para além disso, não estão sedeados em qualquer território pois isso implicaria a sua destruição. São uma organização virtual com ramificações globais.

As ameaças actuais de natureza global são transnacionais, estão interligadas, são exponenciadas por um mundo reticular e têm de ser combatidas nos planos globais, regionais e nacionais<sup>21</sup>.

A dependência tecnológica das sociedades sofisticadas e complexas, como a nossa, para funcionarem de forma coerente e sobreviverem, faz emergir vulnerabilidades. A disrupção do nosso quotidiano, através de ataques informáticos ou a ameaça de cataclismos planetários provocados pelo desenvolvimento, disseminação e emprego de Armas de Destruição Maciça (ADM), reavivam as memórias de destruição mútua assegurada<sup>22</sup>. Charles Dick defende por isso que a fórmula utilizada contra as ameaças estatais comunistas, assente no combate tradicional e derrota militar e política, não resulta contra adversários desprovidos de território, assentes em ideologias ou religiões supranacionais<sup>23</sup>. O facto destas entidades não apresentarem um Centro de Gravidade<sup>24</sup> geográfico que possa ser atacado por forças militares, reduz a eficácia deste vector de poder nacional. A estratégia de decapitação da liderança parece também votada ao fracasso, pois se no caso de um regime autoritário se possa retirar do poder o déspota, e com ele assistir-se ao desmoronar do Estado, já isso não é possível contra um grupo terrorista que actua disperso em células, altamente motivadas e de acção independente. É por isso natural que surja a necessidade de cooperação internacional e se aceitem os ónus económicos,

de soberania partilhada e de certa forma, em nome da Segurança, sejamos coarctados na nossa privacidade e liberdades<sup>25</sup>.

É neste complexo jogo de “xadrez tridimensional”<sup>26</sup> que se disputa o poder no século XXI, onde a Globalização Informacional confere ao Sistema Internacional uma capacidade outrora impensável de Relações Interpessoais.

Neste novo registo, o poder económico e militar continuam a ser as chaves das Relações Internacionais<sup>27</sup>, mas não podemos esquecer o papel essencial da dinâmica social apoiada em ideologias<sup>28</sup>, apoiada por fenómenos transnacionais incontrolláveis.

A força continua a ser importante na política global, mas fazer com que as pessoas queiram aquilo que nós queremos é muito mais efectivo. O combate por objectivos limitados, empregando meios que privilegiem baixas reduzidas, perspectiva-se como a modalidade prevalecente numa sociedade avessa ao sacrifício humano.

A Guerra ainda é possível, mas é muito menos aceitável hoje do que no século passado. Porém, a forma como é travada, de forma ilimitada, e a manifestação dos seus efeitos, a uma escala global, faz despontar um novo carácter dos conflitos futuros.

O alerta de Luís Moita mostra-se actual, quando confirma a incerteza na evolução do sistema internacional e a diversidade das funções futuras das Forças Armadas enquanto instrumentos dos poderes políticos<sup>29</sup>, implicando uma transformação na Arte da Guerra.

#### **4. Mutações na Arte da Guerra e as implicações no pensamento militar**

*“As máquinas não fazem a guerra, os homens sim, usando a sua mente”*

Coronel John Boyd<sup>30</sup>

*“Future war can be envisioned as consisting of three general classes of activities.*

*First, there is the perfection of traditional combat.*

*Second, there is the evolution of what has been called nontraditional missions, a very mixed bag of activities including humanitarian assistance, SOLIC (Special Operations and Low Intensity Conflict) operations, counter-drug operations, peace operations, and counter-proliferation.*

*Third, there is the birth of a form of war unique to the Information Age.”*

David Alberts<sup>31</sup>

Colin Gray sustenta, apoiado no registo histórico, que a natureza da Guerra é eterna e como tal imutável por qualquer processo de Transformação<sup>32</sup>. Gray invoca as ideias de Clausewitz, Jomini, Mahan e Liddell Hart ao afirmarem que a natureza da Guerra é inalterável<sup>33</sup>. Os componentes, a intenção e a estrutura do sujeito mantêm-se constantes, apenas mudam os detalhes.

Independentemente das alterações políticas ou tecnológicas, vislumbra-se uma constância em certos aspectos da Guerra. Williamson Murray adverte-nos que novos conceitos e capacidades não irão negar a natureza fundamental da Guerra: fricção, incerteza, sorte, ambiguidade, continuarão a dominar os campos de batalha futuros<sup>34</sup>. Para ele, estes factores são eternos.

Também as Guerras do século XXI não são alheias a este facto.

Segundo Luís Tomé<sup>35</sup> “(...) é relativamente consensual que a estratégia e a operação montada pelos Estados Unidos e seus Aliados foi um sucesso do ponto de vista militar (...)” classificando a Guerra do Iraque de 2003 como reveladora de “aspectos inovadores, outros surpreendentes, e outros ainda susceptíveis de influenciar as guerras do futuro”. Confirmando esta tendência, Max Boot compara a excelência da conquista do Iraque estabelecendo um paralelo com as conquistas alemãs de 1940<sup>36</sup>. Apesar das distinções entre inimigos, tecnologias e domínio da arte operacional, corroboramos a afirmação de António Telo de que “(...) estamos perante uma mudança qualitativa de grande envergadura em relação ao passado”<sup>37</sup>.

Sintetizando estes pensamentos, Eliot Cohen conclui que estamos perante uma mudança tripla: as forças militares estão fundamentalmente diferentes; os processos de travar a guerra estão diferentes; os resultados são diferentes<sup>38</sup>.

Por exemplo, considerando a Guerra do Iraque de 2003, e apesar do domínio informacional do espaço de batalha, os combatentes confrontaram-se com a inexorável realidade histórica de qualquer Guerra: um duelo de morte. Com este perigo surgiram outras dificuldades comuns como o medo, a fadiga, a fome ou o clima, provocando erros de julgamento, acidentes e invariavelmente, mortes. A fricção preconizada por Clausewitz esteve presente, relembrando a diferença entre o planeamento e a execução de uma Guerra.

Na prática, o emprego de sistemas C4ISR<sup>39</sup>, que procuram converter dados em conhecimento e distribuí-lo através da rede a todos os participantes, contribuem para uma maior “transparência” do espaço de batalha ao nível tático, mas um aumento do “nevoeiro” ao nível estratégico, resultante da incapacidade de interpretar o “tsunami” de informação disponível.

Vejamos então, mais em detalhe, em que consistem estas mudanças fundamentais.

## 5. O novo carácter da Guerra

*“Something occurred in the night skies and desert sands of the Middle East in 1991 that the world had not seen for three hundred years – the arrival of a new form of warfare that closely mirrors a new form of wealth creation. Once again, we find that the way we make wealth and the way we make war are inextricably connected.”*

Alvin e Heidi Toffler<sup>40</sup>

*“We have to understand that it’s not mass, it’s dominant knowledge that is most important.”*

William Owens<sup>41</sup>

Ao efectuarmos uma retrospectiva histórica é possível verificar os aspectos centrais do novo carácter da Guerra. Para isso iremos perscrutar e inter-relacionar a presença desses factores em três conflitos: Golfo 1991, Afeganistão 2001 e Iraque 2003.

### 5.1. Golfo 1991

No rescaldo da Guerra do Golfo de 1991, são apontados vários factores como despoletadores de uma mudança abismal.

A convergência explosiva dos factores de alcance, velocidade e letalidade, configuram-se, para os Toffler, como os catalisadores da mudança<sup>42</sup>.

Já na análise de Michael Mazarr sobre a Guerra de 1991, sugere-se que a RAM motiva um novo carácter da Guerra, assente no domínio informacional, na actuação conjunta, no combate distante e na crescente civilinização<sup>43</sup>.

No núcleo desta mudança encontra-se a capacidade de recolha, análise e disseminação de informação por todas as entidades do espaço de batalha, conferindo um elevado conhecimento do inimigo, das nossas forças e do espaço envolvente. Essa visão do espaço de batalha é facultada pela ligação de capacidades C4ISR num “sistema de sistemas”<sup>44</sup>, permitindo a identificação de uma panóplia alargada de alvos e a sua destruição num ciclo cada vez mais comprimido.

Mazarr caracteriza a capacidade de actuação conjunta como sinérgica, revelando a aptidão de diferentes serviços, ramos e sistemas de armas em combaterem de forma simultânea, combinando as suas valências, obtendo um resultado final superior à soma das suas partes<sup>45</sup>.

Os avanços tecnológicos tornaram a acção conjunta mais importante do que nunca. Quanto mais rápida e precisa se torna a Guerra, maior é a necessidade para uma integração e colaboração das forças participantes. A divisão de trabalho é por isso essencial. A visão tradicional de execução de uma missão, de forma autónoma e auto-suficiente, por parte de cada ramo das forças armadas está ultrapassada. A duplicação e redundância dos equipamentos e capacidades dos vários serviços cederam lugar a uma racionalização de meios. O processo de Transformação incute premissas de planeamento de operações com base na dependência conjunta para obtenção dos objectivos.

O combate distante é outra das realidades da RAM. Os bombardeamentos de precisão por aviões ou mísseis balísticos proporcionam uma imagem de uma guerra “segura”, quase asséptica. A aparente imunidade miraculosa levou Edward Luttwak a apelidar esta nova forma de Guerra como “pós-heróica”<sup>46</sup>. Apresentando como exemplo a intervenção da NATO no Kosovo, salienta que as prioridades políticas de emprego de poder aéreo, assentes na minimização de baixas amigas, sobrepõem-se aos objectivos humanitários.

Este ressurgimento da “facção” aérea, desde 1991, conduz a uma reestruturação profunda da componente terrestre, quer a nível de equipamento, mas acima de tudo de efectivos humanos, perdendo alguma relevância operacional e política.

Também a fronteira entre o militar e civil é cada vez mais incipiente. As capacidades e os conceitos emergentes derivam cada vez mais do mundo civil<sup>47</sup>. Alertando para a crescente transferência de produtos com origem militar para indústrias civis, os Toffler advogam que este processo de utilização dual de tecnologia, por eles designada de “conversão”, terá um lado perverso, na medida em que as indústrias civis contribuem para a disseminação de capacidades militares, disponibilizando as mais recentes inovações, a custos reduzidos e em massa, a possíveis organizações e Estados-pária<sup>48</sup>.

As dimensões avançadas por Mazarr, foram confirmadas e ampliadas na década seguinte de “guerras americanas”<sup>49</sup>, onde assistimos à aplicação de novas tecnologias em conjunto com conceitos operacionais inovadores e uma adaptação organizacional, de uma forma profundamente nova, alterando o carácter e condução dos conflitos. Estamos perante uma Revolução Militar em Curso.

## **5.2. Afeganistão 2001 – Operação *Enduring Freedom* (OEF)**

William Owens confirma que esta Era se destaca das inúmeras classificações históricas, pois observa que a sua importância crítica é revelada por um grau incomparável de actuação conjunta<sup>50</sup>. Descreve-nos a aplicação de doutrinas conjuntas revolucionárias na OEF, como helicópteros do Exército em porta-aviões, ou aviões da Marinha em escolta a bombardeiros da Força Aérea. O exemplo mais cabal mostra um soldado no terreno que recebe informação de um veículo aéreo não-tripulado, efectuando de seguida a “iluminação” de um alvo, numa cordilheira distante, com um feixe *laser* e transmitindo as coordenadas a um bombardeiro B-52, cujas bombas de precisão, guiadas pelo sistema “*Global Positioning System*”, atingem o alvo em simples minutos<sup>51</sup>.

Também Michael O’Hanlon considerou a OEF como “uma obra de arte da criatividade militar”<sup>52</sup>. A criatividade a que se refere, resultou em grande parte da actuação conjunta dos participantes, tendo por base a capacidade de comunicar e coordenar esforços durante as batalhas, introduzindo no espaço de batalha uma forte componente de forças especiais. Podemos portanto afirmar que nesta vertente, a OEF configurou uma capacidade transformacional do século XXI<sup>53</sup>.

### **5.3. Iraque 2003 - Operação *Iraqi Freedom* (OIF)**

Os comentadores são praticamente unânimes no que diz respeito ao sucesso dos efeitos sinérgicos do planeamento e actuação conjunta, tendo por base uma operação colaborativa, realçando a cadeia de valor da capacidade de precisão e da ligação em rede. Mais uma vez, o volume de informação disponível, e a relativa facilidade com que a conseguiram manipular, analisar e transmitir a todas as entidades, reconfigura a capacidade de organizar, planear, prever e atingir os objectivos de uma forma nunca antes possível<sup>54</sup>.

Segundo Eliot Cohen, esta “transformação do combate significa uma mudança na relação fundamental entre a ofensiva e a defensiva, o espaço e o tempo, o fogo e a manobra”<sup>55</sup>. Steven Metz acrescenta duas novas dimensões à tradicional disputa entre defensiva e ofensiva: a luta pela informação (guarda e captura) e o combate pela descoberta e protecção de alvos físicos<sup>56</sup>.

Podemos no entanto distinguir uma evolução, que na prática constituiu uma revolução na forma em como se travaram as duas Guerras do Iraque. Enquanto que a Guerra de 1991 foi caracterizada por linhas de operação com fases distintas, consistindo na prática em duas guerras sequenciais, mas

autónomas – uma aérea e uma terrestre, a Guerra de 2003 foi integrada de forma simultânea, síncrona e conjunta – em terra, no mar, no ar e no ciberespaço.

Hoje combate-se primeiro pela superioridade informacional<sup>57</sup>. Nesse sentido os factores chave são cada vez mais a interoperabilidade<sup>58</sup>, a partilha de informação e a agilidade<sup>59</sup>, implicando um maior nível de integração e conectividade entre os participantes.

Neste novo modo americano de fazer a Guerra, a massa é substituída por precisão e o domínio da informação, nova fonte de poder, é a chave do sucesso para um emprego de forças profundamente conjunto, em busca dos efeitos desejados. Actualmente não importa quem detém o controlo sobre um sistema, mas de que forma é que ele pode contribuir para o estado final desejado.

No entanto, a imposição dessa vontade não está apenas dependente da componente militar. A natureza interligada e dependente da sociedade actual conduz a que uma acção produza uma multiplicidade de efeitos, requerendo uma aproximação integrada do poder dos Estados.

## **6. Conclusão: uma panaceia chamada RAM?**

Num esforço de síntese, recorreremos aos axiomas avançados por Bjorn Moller<sup>60</sup>, como forma de caracterizar o modelo actual de fazer a Guerra. Para ele, os conflitos futuros, tendo por base estes princípios, serão rápidos, assentes no emprego de tecnologia de ponta e numa escala de alta intensidade, privilegiando a ofensiva:

- A supremacia tecnológica e informacional são decisivas;
- O poder aero-espacial é decisivo, em particular as capacidades ofensivas, revelando que guerras futuras poderão depender maioritariamente dele;
- A importância do factor geográfico tende a decrescer, com a crescente desterritorialização dos conflitos;
- Com o aumento da precisão, os danos colaterais tenderão a diminuir, aproximando o combate a uma maior conformidade com os critérios da “Guerra Justa”.

Como observado pelo historiador Jeremy Black<sup>61</sup>, a RAM corporiza dois anseios das sociedades modernas ocidentais. A preferência política por conflitos militares de baixo risco e uma procura tecnológica de primazia militar. A ideologia militarista da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria não se coadunam com os ideais societários actuais. A preferência por voluntários em detrimento dos

conscritos em massa revela uma valorização da condição humana. Numa perspectiva histórica, a RAM contemporânea matiza uma preferência política e um processo tecnológico de adaptação das democracias ocidentais a uma transformação militar, assimétrica, mas contínua, induzida por um novo ambiente estratégico e político, catalisados pela acção da Era da Informação.

Poderemos então concluir que as mudanças no ambiente estratégico, e consequentes fontes de tensão e crise, que afectam de forma transversal as necessidades de Segurança, possam ser em parte motivados por uma Globalização Informacional.

Neste mundo reticular assistimos a uma globalização não global, vista como uma polarização de antagonismos – entre Davos ou a Cimeira do G8 (fóruns mundiais económicos e políticos) e Porto Alegre ou o Live 8 (fóruns mundiais sociais, expressões da solidariedade civil) – que de forma simultânea provoca um efeito duplo e contraditório, integra e divide. Mais do que duas faces da mesma moeda, esta globalização é um prisma multifacetado que vai para além dos factores económicos<sup>62</sup>.

Vivemos um tempo extremamente apelativo a actores não estatais pela sua proposição assimétrica niveladora, que estende o alcance global dos adversários, permitindo a exploração de vulnerabilidades e novos vectores de ataque.

Considerando os aspectos focados, facilmente se compreende que a relação do Estado-Nação perante o poder militar (em termos de criação e de emprego dessa componente de poder nacional), sofreu e está a sofrer alterações fundamentais. Nesta perspectiva, as implicações do conceito RAM justificam a sua análise e acompanhamento por especialistas de Segurança e Defesa.

---

<sup>1</sup> GATES, William, *Business at the speed of thought*.

<sup>2</sup> NYE, Joseph, *O paradoxo do poder americano*, p. 24.

<sup>3</sup> CIMBALA, Stephen, “Transformation in concept and policy”.

<sup>4</sup> NYE, Joseph, *Compreender os conflitos internacionais*, p. 253.

<sup>5</sup> GRAY, Colin ; SHELDON, John, “Space power and the Revolution in Military Affairs”.

<sup>6</sup> TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi, *War and anti-war: survival at the dawn of the 21st century*, p. 71.

<sup>7</sup> MOITA, Luís, “Os conflitos dos últimos 25 anos”.

<sup>8</sup> Cit. BASS, Warren, “The great leveling”.

<sup>9</sup> KAGAN, Frederick, “The U.S. military's manpower crisis”.

<sup>10</sup> O famoso “X article” publicado na revista *Foreign Affairs* em 1947 revelou ao mundo a estratégia de contenção. Esta doutrina, utilizada pelos EUA durante a Guerra-Fria, procurava conter o movimento político das nações para a esfera de influência da União Soviética.

<sup>11</sup> Samuel Huntington advogou que depois do fim do conflito ideológico capitalismo/socialismo tinha chegado a Era do choque entre algumas Civilizações. Segundo ele, a grande ameaça provém da associação entre as civilizações islâmicas e confucianas – hipótese mais provável – o choque com o Islão. HUNTINGTON, Samuel, *O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*. No entanto, alguns críticos salientam que as alianças políticas podem não ter a ver com bases civilizacionais. A tendência das sociedades serem multiculturais retira força e validade a esta tese.

<sup>12</sup> Fukuyama considera que não existe em nenhuma parte do mundo de hoje, alternativa séria no campo político à democracia liberal moderna. FUKUYAMA, Francis, *O fim da história e o último homem*.

<sup>13</sup> João Vieira Borges define o conceito actual de Segurança e Defesa como “o espaço aglutinador de valores e actividades identificados directamente com a sobrevivência do Estado, enquanto unidade política, que se traduz na sua independência, conservação, integridade e afirmação internacional, mas também na liberdade e integridade física das populações, e na protecção do património nacional”. BORGES, João, “A cultura de Segurança e Defesa no ensino superior em Portugal”, p. 173. Para Loureiro dos Santos a “Segurança Nacional é a capacidade de uma Estado agir na esfera internacional com liberdade de acção suficiente, para manter o núcleo daquilo que o caracteriza como entidade com um destino próprio, definido pela vontade dos seus nacionais”. SANTOS, Loureiro dos, “Estratégia e Segurança Nacional na Era da Informação”. De acordo com o Ministério da Defesa Nacional, no seu portal online, “A Defesa Nacional, na sua essência, constitui uma estratégia integrada que o Estado português põe em prática para garantir a unidade, soberania e independência nacional; o bem-estar e prosperidade da Nação; a unidade do Estado e o normal desenvolvimento das suas tarefas; a liberdade de acção política dos órgãos de soberania e o regular funcionamento das instituições democráticas, no quadro constitucional”.

<sup>14</sup> Em 1815 durante a Conferência de Viena, os Estados resolveram os assuntos mundiais num ambiente fechado. Em 1992 no Rio de Janeiro na Cimeira da Terra, são abordados problemas do planeta com a participação de vários actores globais (Estados, ONU, ONG, etc).

<sup>15</sup> Absolutamente irresolúveis à escala do Estado-Nação não respeitando quaisquer fronteiras – aquecimento global; chuvas ácidas; poluição; fenómenos meteorológicos causadores de seca extrema ou inundações, etc.

<sup>16</sup> DOLLFUS, Olivier, *A globalização*, p. 101.

<sup>17</sup> Será que hoje prevalece sobre a cultura (elemento agregador do todo social da nação) o conceito de democracia? Interrogação proferida pelo Coronel Luís Fraga na Mesa Redonda sobre “O Iraque, que futuro?”.

<sup>18</sup> Esta ameaça tem diferentes interpretações consoante o lado do Atlântico. Os EUA distinguem entre Estados Pária (*rogue states*), enquanto a Europa coloca a ênfase nos Estados Falhados.

<sup>19</sup> Num estudo do Fundo para a Paz, sobre os Estados Falhados, é referido que cerca de 2 mil milhões de pessoas vivem em países em perigo de colapso. Foreign Policy & the Fund for Peace, *The Failed States Index*.

<sup>20</sup> Giandomenico Picco caracteriza a *Al-Qaeda* como uma organização terrorista estratégica em oposição ao terrorismo tático do *Hezbollah*, ETA ou IRA. Conclui que a *Al-Qaeda*, ao contrário de outros grupos terroristas táticos, não consegue viver sem inimigos, sendo por isso inviável alcançar os seus objectivos através da formação de um partido político. PICCO, G, “Al-Qaeda e os muçulmanos”. Uma classificação semelhante avança Charles Dick, ao separar o terrorismo em tradicional e novo, recorrendo aos fins e meios utilizados. Define o terrorismo tradicional como uma utilização sistemática da intimidação com fins políticos. Por esse facto afirma que não é indiscriminado ou gratuito, sendo balanceadas as decisões dos seus ataques, tendo em conta potenciais consequências. Já o novo terrorismo apenas tem um sentido negativo de punição, tentando maximizar as baixas civis, não existindo alvos proibidos. Para estes terroristas, as ADM são armas de escolha. DICK, Charles, *Conflict in a changing world: looking forward two decades*, p. 14-15.

<sup>21</sup> De acordo com a ONU são elas: conflitos internacionais; conflitos internos (incluindo guerra civil, genocídio e violações maciças de direitos humanos); terrorismo; ADM (nucleares, químicas, biológicas); ameaças sociais e económicas (pobreza,

---

doenças infecciosas e degradação ambiental); e crime transnacional organizado. United Nations Report of the High-level Panel on Threats, Challenges and Change, *A more secure world: Our shared responsibility*, p. 22.

<sup>22</sup> As armas biológicas actuais, resultantes de manipulação genética, quando comparadas com a facilidade de desenvolvimento e utilização, têm um potencial destrutivo muito superior às temidas armas nucleares da Guerra-Fria.

<sup>23</sup> DICK, Charles, op. cit., p. 18.

<sup>24</sup> O CoG (“*Center of Gravity*”) é segundo Clausewitz o “centro de todo o poder e movimento, de onde tudo depende”. CLAUSEWITZ, Carl, *On War*, Book VIII, Chapter IV. De acordo com o AAP-6, constitui uma característica, capacidade ou local de onde uma nação, aliança, força militar ou grupo deriva a sua liberdade de acção, capacidade física, ou vontade de combater. É por isso um elemento de poder e não uma fraqueza como muitas vezes nos fazem acreditar. Os CoG’s existem em todos os níveis da guerra: estratégicos, operacionais e táticos. Um CoG como fonte de poder que é, tem capacidades críticas (o que é que faz?); tem requisitos críticos (o que é que ele necessita para ser efectivo?); e tem vulnerabilidades críticas (através das quais o CoG pode ser atacado). AAP-6, *NATO Glossary of terms and definitions*.

<sup>25</sup> Esta luta contra o terrorismo terá de ser forçosamente multilateral, fazendo uso de instrumentos diplomáticos, policiais e sobretudo ideológicos. COLOMBANI, Jean-Marie, “Vivre avec le terrorisme”. O combate a este flagelo, é segundo Ângelo Correia, “mais da questão das artes sociais do que acções militares”. A coligação terá de englobar o Ocidente e os moderados islâmicos para que a mudança provenha de dentro, ao invés de ser imposta.

<sup>26</sup> NYE, Joseph, *O paradoxo do poder americano*, op. cit., p. 58.

<sup>27</sup> A nomenclatura existente sobre a distribuição de poder varia de acordo com os autores: desde os defensores do mundo unipolar, multipolar ou uni-multipolar, com uma única potência global envolvida em jogos de contenção múltipla com potências regionais. A presença de actores internacionalmente relevantes impede, por agora, a gestão unipolar do mundo por parte dos EUA. TOMÉ, Luís, *Novo recorte geopolítico mundial*, p. 30. No entanto, e segundo Luís Moita, o domínio avassalador dos EUA reconfigura um novo tipo de império, onde estão presentes os atributos de coacção política, projecção militar e mais valia económica. MOITA, Luís, “A propósito do conceito de império”, p. 21.

<sup>28</sup> HUNTZINGER, Jacques, *Introdução às Relações Internacionais*, p. 232-233. Observe-se o que aconteceu com as mudanças sociais no ex-bloco de leste e as consequências para a estabilidade mundial. Veja-se o movimento terrorista cuja dinâmica social se sobrepõe à força económica e militar do Ocidente.

<sup>29</sup> MOITA, Luís, “Evolução do sistema internacional”.

<sup>30</sup> Cit. portal “Defence and the national interest”.

<sup>31</sup> ALBERTS, David, *Information Age Transformation: getting to a 21st century military*, p. 39.

<sup>32</sup> GRAY, Colin, “How has war changed since the end of the Cold War?” Uma descrição detalhada, do mesmo autor, sobre esta temática pode ser encontrada em GRAY, Colin, *Modern strategy*. Sugere-se também a consulta da obra coordenada por KNOX, Mac Gregor; MURRAY, Williamson, *The dynamics of military revolution, 1300-2050*.

<sup>33</sup> GRAY, Colin, “RMA’s and the dimensions of strategy”.

<sup>34</sup> MURRAY, Williamson, “Thinking about Revolutions in Military Affairs”, p. 76.

<sup>35</sup> TOMÉ, Luís, “Iraque: uma nova forma de guerra?”

<sup>36</sup> Em apenas 44 dias, as forças alemãs conquistaram a França, Bélgica e Holanda com 27.000 baixas, utilizando o padrão de excelência operacional denominado *blitzkrieg*. Os EUA e Inglaterra demoraram 26 dias para conquistar o Iraque (80% do tamanho da França), contabilizando apenas 161 baixas. BOOT, Max, “The new american way of war”.

<sup>37</sup> TELO, António, “Reflexões sobre a Revolução Militar em Curso”, p. 213.

<sup>38</sup> COHEN, Eliot, “Change and Transformation in Military Affairs”.

<sup>39</sup> Comando, Controlo, Comunicações, Computadores, Informações/Inteligência, Vigilância e Reconhecimento.

<sup>40</sup> TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi, op. cit., p. 64.

<sup>41</sup> OWENS, William, “an interview”.

<sup>42</sup> TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi, op. cit., p. 31.

<sup>43</sup> MAZARR, Michael, *The Revolution in Military Affairs: a framework for defense planning*.

<sup>44</sup> OWENS, William, “The emerging system of systems”.

<sup>45</sup> MAZARR, Michael, op. cit..

<sup>46</sup> Defende Luttwak que esta aparente imunidade se ficou a dever a uma intervenção aérea severamente condicionada, no sentido de restringir baixas da coligação, impedindo no entanto a consecução dos objectivos de protecção humanitária. Entre essas precauções de operação destaca os bombardeamentos a alta altitude; o número reduzido de missões aéreas efectuadas nas primeiras semanas do conflito; os ataques aos sistemas de defesa aérea; não utilização de meios aéreos de baixa altitude, como os helicópteros *Apache* os aviões A-10. Em suma, privilegiar a guerra segura. LUTTWAK, Edward, “Give war a chance”.

<sup>47</sup> As tecnologias de informação desenvolvidas para utilização civil estão disponíveis e são adaptadas para utilização militar. A teoria da Guerra Centrada em Rede deriva das práticas de empresas comerciais e foi transposta para o meio militar.

---

<sup>48</sup> Por exemplo o desenvolvimento, por parte de institutos civis, de modelos de computador para prever o clima, aproveitando os estudos militares sobre explosões nucleares. Também a disponibilização de sistemas via satélite fornece uma capacidade a qualquer indivíduo, organização ou Estado, de obtenção de informação do espaço de batalha. Muitas companhias aplicam o seu conhecimento adquirido no desenvolvimento de tecnologia militar para inovações em áreas civis. TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi, op. cit., p. 184.

<sup>49</sup> FREIRE, Fernando; GUIMARÃES, Fernando, “10 anos de guerras americanas”.

<sup>50</sup> OWENS, William, “an interview”, op. cit..

<sup>51</sup> ibidem.

<sup>52</sup> Apesar das diversas interpretações acerca dos motivos destes conflitos e das consequências pós-guerra, é possível avançar um relativo consenso acerca do seu sucesso militar. O'HANLON, Michael, “A flawed masterpiece”.

<sup>53</sup> WOLFOWITZ, Paul, “Thinking about the imperatives of Defense Transformation”.

<sup>54</sup> Washington Technology, “Survival guide: Loren Thompson, COO of the Lexington Institute”.

<sup>55</sup> COHEN, Eliot, “A revolution in warfare”, p. 44.

<sup>56</sup> METZ, Steven, “The next twist of the RMA”.

<sup>57</sup> Estado que é alcançado quando uma vantagem competitiva é derivada da capacidade de explorar uma posição superior de informação. ALBERTS, David; GARSTKA, John; STEIN, Frederick, *Network Centric Warfare*, p. 34.

<sup>58</sup> Capacidade das forças militares treinarem, exercitarem e operarem efectivamente em conjunto na execução das missões e tarefas atribuídas. AAP-6, op. cit..

<sup>59</sup> Este termo intimamente ligado com adaptabilidade, procura capturar a componente dinâmica do combate futuro. A adaptabilidade refere uma capacidade de uma entidade encetar uma mudança para melhor gerir ou se ajustar a novas circunstâncias. A agilidade qualifica a rapidez e facilidade com que essas mudanças são efectuadas. No contexto militar, ambos os conceitos estão conotados com a flexibilidade necessária às forças futuras. WARNE, Leoni [et al.], *The network centric warrior: the human dimension of Network Centric Warfare*, p. 22. A agilidade é uma propriedade de uma força ou de um processo de Comando e Controlo (C2), traduzindo a capacidade de ser efectivo em ambientes complexos e imprevisíveis. Relacionando-a com o C2, possui seis elementos fundamentais: robustez; resiliência; adaptabilidade; resposta; flexibilidade e inovação. ALBERTS, David; HAYES, Richard, *Power to the edge*.

<sup>60</sup> MOLLER, Bjørn, *The Revolution in Military Affairs: myth or reality?*

<sup>61</sup> Cit. EVANS, Michael, *Seeking the knowledge edge: Australia and the Revolution in Military Affairs*.

<sup>62</sup> SANTOS, Diana, “Prisma global”, p. 3-4.

## BIBLIOGRAFIA

AAP-6, *NATO Glossary of terms and definitions*, NATO, Brussels, 2006.

ALBERTS, David, *Information Age Transformation: getting to a 21st century military*, CCRP, Washington D.C., 2002.

ALBERTS, David; GARSTKA, John; STEIN, Frederick, *Network Centric Warfare*, CCRP, Washington D.C., 1999.

ALBERTS, David; HAYES, Richard, *Power to the edge*, CCRP, Washington D.C., 2003.

BASS, Warren, "The great leveling", *Washington Post.com*, 3 Apr. 2005, Disponível na WWW: <URL: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A17314-2005Mar31.html>>.

BOOT, Max, "The new american way of war". *Foreign Affairs*, 82:4, Council on Foreign Relations, New York, July/August 2003, Disponível na WWW: <URL: [http://www.cfr.org/publication/6160/new\\_american\\_way\\_of\\_war.html](http://www.cfr.org/publication/6160/new_american_way_of_war.html)>.

BORGES, João, "A cultura de Segurança e Defesa no ensino superior em Portugal", *Nação e Defesa*, Nº112, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Outono/Inverno de 2005, pp. 167-186.

CIMBALA, Stephen, "Transformation in concept and policy", *Joint Force Quarterly*, Nº 38, Institute for National Strategic Studies, Washington D.C., July 2005, pp. 28-33.

CLAUSEWITZ, Carl, *On War*, Disponível na WWW: <URL: [http://www.clausewitz.com/CWZHOME/On\\_War/ONWARTOC.html](http://www.clausewitz.com/CWZHOME/On_War/ONWARTOC.html)>.

COHEN, Eliot, "A revolution in warfare", *Foreign Affairs*, 75:2, Council on Foreign Relations, New York, March/April 1996, pp. 37-54.

COHEN, Eliot, "Change and Transformation in Military Affairs", *The Journal of Strategic Studies*. 27:3, Routledge, September 2004, pp. 395-407.

COLOMBANI, Jean-Marie, "Vivre avec le terrorisme", *Le Monde*, 26 de Julho de 2005, Disponível na WWW: <URL: <http://www.lemonde.fr/web/article/0,1-0@2-3232,36-675431,0.html>>.

DICK, Charles, *Conflict in a changing world: looking forward two decades*, The Conflict Studies Research Centre, London, 2002.

DOLLFUS, Olivier, *A globalização*, Europa-América, Lisboa, 1999.

EVANS, Michael, *Seeking the knowledge edge: Australia and the Revolution in Military Affairs*, Land Warfare Studies Centre, Canberra, 2001.

Foreign Policy & the Fund for Peace, *The Failed States Index*, Carnegie Endowment for International Peace, Washington D.C., 2005, Disponível na WWW: <URL: [http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story\\_id=3098](http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=3098)>.

FRAGA, Luís, na Mesa Redonda sobre "O Iraque, que futuro?", Universidade Autónoma de Lisboa, 10 de Fevereiro de 2005.

- FREIRE, Fernando; GUIMARÃES, Fernando, “10 anos de guerras americanas”, *Janus 2003 - Anuário de Relações Exteriores*, Público/UAL, Lisboa, 2002, Disponível na WWW: <URL: [http://www.janusonline.pt/2003/2003\\_2\\_1\\_4.html](http://www.janusonline.pt/2003/2003_2_1_4.html)>.
- FUKUYAMA, Francis, *O fim da história e o último homem*, Gradiva, Lisboa, 1999.
- GATES, William, *Business at the speed of thought*, ePenguin, London, 2001.
- GRAY, Colin, “How has war changed since the end of the Cold War?”, *Parameters*, 35:1, US Army War College Carlisle, Spring 2005, pp. 14-26.
- GRAY, Colin, *Modern strategy*, Oxford University Press, New York, 1999.
- GRAY, Colin, “RMA’s and the dimensions of strategy”, *Joint Force Quarterly*, Nº 17, Institute for National Strategic Studies, Washington D.C., Autumn/Winter 1997-1998, pp. 50-54.
- GRAY, Colin ; SHELDON, John, “Space power and the Revolution in Military Affairs”, *Air Power Journal*, 13:3, CADRE, Montgomery, Fall 1999, pp. 23-38.
- HUNTINGTON, Samuel, *O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*, Gradiva, Lisboa, 1999.
- HUNTZINGER, Jacques, *Introdução às Relações Internacionais*, PE Edições, Lisboa, 1987.
- KAGAN, Frederick, “The U.S. military's manpower crisis”, *Foreign Affairs*, 85:4, Council on Foreign Relations, New York, July/August 2006, pp. 97-104.
- KNOX, Mac Gregor; MURRAY, Williamson, *The dynamics of military revolution 1300-2050*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.
- LUTTWAK, Edward, “Give war a chance”, *Foreign Affairs*, 78:4, Council on Foreign Relations, New York, July/August 1999, pp. 36-44.
- MAZARR, Michael, *The Revolution in Military Affairs: a framework for defense planning*, US Army War College, Carlisle, 1994.
- METZ, Steven, “The next twist of the RMA”, *Parameters*, 30:3, US Army War College, Carlisle, Autumn 2000, pp. 40-53.
- MOITA, Luís, “A propósito do conceito de império”, *Nação e Defesa*, Nº 110, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Primavera 2005, pp. 9-32.
- MOITA, Luís, “Evolução do sistema internacional”, *JANUS - Anuário de relações exteriores. Suplemento Forças Armadas*, Público/UAL, Lisboa, 1998, Disponível na WWW: <URL: [http://www.janusonline.pt/1998fa/1998fa\\_1\\_5.html](http://www.janusonline.pt/1998fa/1998fa_1_5.html)>.
- MOITA, Luís, “Os conflitos dos últimos 25 anos”, *Janus 2005 - Anuário de relações exteriores*. Público/UAL, Lisboa, 2004, pp. 124-127.
- MOLLER, Bjørn, *The Revolution in Military Affairs: myth or reality?*, COPRI ISS, Copenhagen, 2002.
- MURRAY, Williamson, “Thinking about Revolutions in Military Affairs”, *Joint Force Quarterly*, Nº 16, Institute for National Strategic Studies, Washington D.C., Summer 1997, pp. 69-76.
- NYE, Joseph, *Compreender os conflitos internacionais*, Gradiva, Lisboa, 2002.
- NYE, Joseph, *O paradoxo do poder americano*, Gradiva, Lisboa, 2005.

O'HANLON, Michael, "A flawed masterpiece", *Foreign Affairs*, 81:3, Council on Foreign Relations New York, March/April 2003, pp. 47-63.

OWENS, William, "an interview", *Carnegie Reporter*, 1:4, Carnegie Corporation, New York, Spring 2002, Disponível na WWW: <URL: [http://www.carnegie.org/reporter/04/interview/interview\\_low.html](http://www.carnegie.org/reporter/04/interview/interview_low.html)>.

OWENS, William, "The emerging system of systems", *Proceedings*, 121:5, U.S. Naval Institute, Annapolis, May 1995, pp. 36-39.

PICCO, G, "Al-Qaeda e os muçulmanos", *EXPRESSO Online*, 6 Out. 2004, Disponível na WWW: <URL: [http://online.expresso.clix.pt/opiniao\\_int/artigo.asp?id=24747187](http://online.expresso.clix.pt/opiniao_int/artigo.asp?id=24747187)>.

PORTAL "Ministério da Defesa Nacional", Disponível na WWW: <URL: <http://www.mdn.gov.pt/defesa/defesa.htm>>.

PORTAL "Defence and the national interest", Disponível na WWW: <URL: <http://www.d-n-i.net/>>.

SANTOS, Diana, "Prisma global", *Newsletter Instituto de Defesa Nacional*, Nº 4, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Julho 2005, pp. 3-4.

SANTOS, Loureiro dos, "Estratégia e Segurança Nacional na Era da Informação", *Revista Militar*, Nº 2445, Empresa da Revista Militar, Lisboa, Outubro 2005, Disponível na WWW: <URL: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=8>>.

TELO, António, "Reflexões sobre a Revolução Militar em Curso", *Nação e Defesa*, Nº 103, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Outono/Inverno 2002, pp. 211-249.

TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi, *War and anti-war: survival at the dawn of the 21st century*, Little, Brown and Company, Boston, 1993.

TOMÉ, Luís, "Iraque: uma nova forma de guerra?", *Janus 2004 - Anuário de relações exteriores*, Público/UAL, Lisboa, 2003, pp. 20-21.

TOMÉ, Luís, *Novo recorte geopolítico mundial*, EDIUAL, Lisboa, 2004.

United Nations Report of the High-level Panel on Threats, Challenges and Change, *A more secure world: Our shared responsibility*, United Nations, New York, 2004.

VICENTE, João, *Guerra em Rede: Portugal e a Transformação da NATO*, Prefácio Lisboa, 2007.

WARNE, Leoni [et al.], *The network centric warrior: the human dimension of Network Centric Warfare*, Defence Science and Technology Organization, Edinburgh, 2004.

Washington Technology, *Survival guide: Loren Thompson, COO of the Lexington Institute*. Washington Technology, Washington D.C., 2004, Disponível na WWW: <URL: [http://www.washingtontechnology.com/news/19\\_5/last-byte/23659-1.html](http://www.washingtontechnology.com/news/19_5/last-byte/23659-1.html)>.

WOLFOWITZ, Paul, "Thinking about the imperatives of Defense Transformation", *Heritage Lectures*. Nº 831, Heritage Foundation, Washington D.C., 30 April 2004.